



"Breve Depoimento: Amazônia, Ano Zero"

José Otávio Pinto

Publicitário. Membro da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos. Colaborador de colunas de Cinema de Belém.

Cem anos de Cinema - este universo estético, vasto e complexo, que já foi capaz de oferecer a nós, seres humanos do último século do segundo milênio ocidental, em meio a uma grande quantidade de fitas pouco, pouquíssimo, ou nada significativas, um número expressivo de filmes de considerável, em maior ou menor grau, valor artístico-cultural. Uma entidade estética ampla e profundamente fecundada pelos perceptos e afectos - para usar a terminologia de Gilles Deleuze, um dos mais brilhantes ensaístas filosóficos e estetas deste século - expresso nas obras de autênticos gênios cinematográficos, como Jean-Luc Godard, Robert Bresson, Luís Buñuel, Federico Fellini, Friedrich Wilhelm Murnau, Orson Welles, Ingmar Bergman, Michelangelo Antonioni, Charles Spencer Chaplin, Alfred Hitchcock, e vários outros (mais uns vinte, ou um pouco mais que isso), cineastas do mesmo, precioso, estofado criador.

Cem anos de Cinema, e o cinema amazônico continua, impassivelmente, um zero absoluto (Não interessa, no momento, esmiuçar as causas econômicas e político-culturais da inexistência de um núcleo cinematográfico regional, produtor e realizador de filmes de longa e curta metragens, mas apenas registrar a negatividade do fato, que é a ausência do cinema amazônico). Há exceções solitárias, mas mesmo estas são raríssimas. Só dois filmes de considerável valor cineestético tiveram como cenário a Amazônia - especificamente, a Amazônia peruana e ambos feitos por um cineasta alemão, Werner Herzog: *Aguirre, a Cólera dos Deuses* e *Fitzcarraldo*. E há, também, o caso único de um terceiro longa-metragem - este, realizado aqui no Pará - de bom nível: *Iracema*, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna. O resto é, infelizmente, constituído de filmes que não apenas têm muito pouco valor, ou são mesmo totalmente insignificantes (ruins, medíocres, péssimos), como, em diversos aspectos, desrespeitam e deturpam características fundamentais e grandes valores culturais específicos da Amazônia.

O cinema amazônico ainda está por nascer. E, certamente, algum dia surgirá - como, há mais de trinta anos, apareceu, no Brasil, o Cinema Novo, esse importante movimento que, entre numerosos

diretores de maior ou menor talento, revelou, a este país e ao mundo, pelo menos um cineasta realmente extraordinário: Glauber Rocha.

Um dia haverá - e tomara que não muito distante! - em que, de fato, começar-se-á a realizar, nesta imensa Amazônia, tão rica arquetípicamente, um trabalho amplo, fecundo e esteticamente bem dimensionado de expressão cinematográfica do grandioso tesouro simbólico, metafórico, ficcional desta região, que aguarda, impacientemente, o instante sublime de esplendor na tela.



"Iracema"
de Botanzky

Werner
Herzog

